

ABC DO PAISAGISMO

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

ABC do Paisagismo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M634a	Migliorini, Jeanine Mafrá. ABC do paisagismo [recurso eletrônico] / Jeanine Mafrá Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-37-6 DOI 10.22533/at.ed.376182609 1. Arquitetura paisagística. I. Título. CDD 712.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Paisagem é um termo bastante abrangente, uma vez que tudo que vemos diante dos olhos é uma paisagem; paisagismo é uma ciência que busca ordenar o ambiente externo vivido pelo homem. Ao discutirmos a paisagem podemos falar das tendências do paisagismo residencial ou comercial, mas também falamos do urbano, das praças e parques, da paisagem constituída pelas edificações, em várias escalas possíveis de abordagem, o que torna o tema tão amplo e interessante.

Uma paisagem pode ser analisada através de sua transformação ao longo da história, que é testemunha da constante mudança em sua estrutura, uma vez que paisagem não é estática. São camadas de história diante de nossos olhos, que muitas vezes passam despercebidas pela correria diária.

A paisagem urbana se modifica com grandes eventos, como a inserção de um novo equipamento urbano, entretanto as pequenas transformações diárias também representam significativas interferências paisagísticas, e nos levam ao cenário atual, que amanhã será diferente e no próximo mês também, assim sempre estaremos diante de uma nova paisagem.

Analisar essa realidade, quer seja através da história, da atualidade ou de possíveis cenários futuros nos coloca como atuantes do espaço que vivenciamos diariamente, e com ferramentas para tomarmos decisões e interferirmos, se necessário, para manter, ou retomar a qualidade desta paisagem.

Neste livro apresentamos reflexões sobre as transformações históricas das paisagens e quais as consequências e a atual realidade encontrada. Também são abordadas as questões referentes às gestões participativas na construção desta paisagem. Como determinadas vegetações se encontram e devem ser cuidadas e preservadas nas cidades. Além de apresentar uma discussão acerca de o paisagismo religioso, ou seja, classificação do espaço a partir de características comuns que definem uma identidade.

As discussões são bastante amplas, assim como a temática do tema, entretanto são necessárias e pertinentes para a formação de indivíduos conscientes de seu entorno, e aptos a interferir e modificar as paisagens que nos cercam.

Boa leitura, que as reflexões despertem seu olhar para as paisagens que lhe cercam!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INSERÇÃO DO SISTEMA FERROVIÁRIO EM ARAGUARI-MG: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM ENTRE 1823 E 1950	
<i>Lucas Martins de Oliveira</i> <i>Eugenio Fernandes Queiroga</i>	
CAPÍTULO 2	14
UMA AVENIDA, UMA CIDADE, MUITAS TRANSFORMAÇÕES: JUIZ DE FORA, 1836 – 2016.	
<i>Tiago Goretti Ribeiro</i> <i>Antonio Ferreira Colchete Filho</i> <i>Victor Hugo Godoy do Nascimento</i>	
CAPÍTULO 3	28
A INFRAESTRUTURA VERDE NO ENSINO DO PROJETO DA PAISAGEM URBANA: REALIDADE E PROSPECÇÕES	
<i>Andrea Queiroz Rego</i> <i>Aline Pires Veról</i>	
CAPÍTULO 4	43
EXPERIÊNCIA DA GESTÃO PARTICIPATIVA NA QUALIFICAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS NA FORMAÇÃO DE ARQUITETOS E URBANISTAS: A REFORMA DA PRAÇA DO PESCADOR – SÃO LUÍS-MA	
<i>Agnes Leite Thompson Dantas Ferreira Thompson</i> <i>José Aquiles Sousa Andrade</i>	
CAPÍTULO 5	54
O DESENHO DO ESPAÇO LIVRE NA ESCALA DO BAIRRO A PARTIR DE PROBLEMATICAS AMBIENTAIS: ESTUDO DE CASO DO RESIDENCIAL TARUMÃ – MARINGÁ, PR	
<i>Paula Rocha do Amaral Marino</i> <i>Karin Schwabe Meneguetti</i>	
CAPÍTULO 6	71
APREENSÃO DA FORMA URBANA E DA DINÂMICA SOCIAL EM CENAS URBANAS COTIDIANAS: PENSAR A CIDADE NO FUTURO.	
<i>Antonio Colchete Filho,</i> <i>Camila Caixeta Gonçalves,</i> <i>Fabrcio Teixeira Viana,</i>	
CAPÍTULO 7	81
SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA MÉTODO DE ANÁLISE DE ESPAÇOS LIVRES DE CURITIBA	
<i>Luciana Evans Romanus</i> <i>Silvio Soares Macedo</i>	
CAPÍTULO 8	99
A HERA VENENOSA E O ESPAÇO CIDADINO CONSTRUÇÃO DE MÉTODOS PARA ANÁLISE DE FITOPATOLOGIAS URBANAS	
<i>Matheus Maramaldo Andrade Silva</i>	

CAPÍTULO 9 116

MATA DO KRAMBECK NA CIDADE DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS: CICLOS DE UMA HISTÓRIA DE RESILIÊNCIA

Lucas Abranches Cruz

Patricia Menezes Maya Monteiro

Frederico Braida

Antonio Colchete Filho

CAPÍTULO 10 128

PAISAGISMO RELIGIOSO: PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ, UM PATRIMÔNIO CULTURAL E GEOLÓGICO PRESENTE NAS TRADIÇÕES AFRODESCENDENTES DA CIDADE DE SALVADOR-BA

Maria Alice Pereira da Silva

José Augusto Saraiva Peixoto

Cássio Marcelo Castro

Sérgio Magarão de Figueirêdo Júnior

SOBRE A ORGANIZADORA..... 142

PAISAGISMO RELIGIOSO: PARQUE EM REDE PEDRA DE XANGÔ, UM PATRIMÔNIO CULTURAL E GEOLÓGICO PRESENTE NAS TRADIÇÕES AFRODESCENDENTES DA CIDADE DE SALVADOR-BA

Maria Alice Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia – UFBA,
Faculdade de Arquitetura – FAU
Salvador - Bahia

José Augusto Saraiva Peixoto

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Escola
Politécnica da UFBA
Salvador - Bahia

Cássio Marcelo Castro

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Escola
Politécnica da UFBA
Salvador - Bahia

Sérgio Magarão de Figueirêdo Júnior

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Instituto
de Geociências – IGeo
Salvador - Bahia

RESUMO: Este trabalho apresenta uma proposta de metodologia voltada para o paisagismo religioso afro-brasileiro, e mais, especificamente, para a criação do Parque em Rede Pedra de Xangô localizado na sub-bacia do Ribeirão Itapuã, pertencente à bacia hidrográfica do Rio Ipitanga, no município de Salvador no estado da Bahia. A Pedra de Xangô é considerada um lugar sagrado, e neste espaço, atualmente, ocorrem e se concentram diversas manifestações religiosas do povo de santo. Em um primeiro momento, será abordado o conceito de paisagismo cultural,

e em seguida, uma análise da conexão entre a espacialidade das comunidades de terreiros da região de Cajazeiras e adjacências e os respectivos espaços públicos. Finalmente, serão apresentadas as propostas e recomendações que culminaram com a criação da Área de Proteção Ambiental – APA Municipal Vale do Assis Valente e a implantação do Parque em Rede Pedra de Xangô, ambos inseridos no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU da cidade de Salvador e os seus desdobramentos: reconhecimento da Pedra de Xangô como patrimônio cultural da cidade e patrimônio geológico, ou seja, Geossítio de relevância nacional, dada a sua importância científica e cultural, inserido, no Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade – GEOSSIT do Serviço Geológico do Brasil – CPRM.

ABSTRACT: This work presents a proposal of methodology for afro-brasilian religious landscape, and more specifically the creation of the Xangô Stone network park located in the sub-basin of Ribeirão Itapuã, which is part of Ipitanga river basin, in the county of Salvador in the state of Bahia. The Xangô Stone is considered a sacred place and in this space there are several religious manifestations of the people of saint. At first, the concept of cultural landscaping will be approached, and then an analysis will

be made of the connection between the spatiality of the terreiros communities of Cajazeiras region and their surrounding areas and public spaces. Finally, proposals and recommendations will be presented, culminating in the creation of the Environmental Protection Area - APA Municipal Vale do Assis Valente and the implementation of the Xangô Stone Network Park, both included in the Urban development master plan - PDDU of the city of Salvador and its consequences: recognition of the Xangô Stone as a cultural heritage of the city and geological heritage, being a Geosite of national relevance, given its scientific and cultural importance, inserted in the System of Cadastre and Quantification of geosites and sites of geodiversity - GEOSSIT of the geological Survey – CPRM.

1 | INTRODUÇÃO

O próprio sagrado está manifestado no mundo através das árvores, das pedras, dos astros, e em todas as coisas confinadas no mundo inanimado inventado pela ciência do século XIX [...] sem a Natureza, sem estarmos presos à teia da vida, manifestada pela nossa ancestralidade, nada somos. Esta é a razão pela qual desde cedo os ancestrais foram evocados ou cultuados nas árvores, pedras, raios, trovões, rios, chuvas, cachoeiras, fogo, vento, terra, água e astros. Assim sendo, todos esses elementos revestem-se de grande significado nas comunidades-terreiros, local onde se saúda e observa-se não apenas o nascer e o pôr do sol, as fases da lua e as marés, mas também cada folha que cai a fim de buscar nisso um significado (SOUSA JR., 2011:38).

Segundo Geertz, “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo” (GEERTZ, 2011:66).

A paisagem sempre exerceu um papel crucial na vida do homem. Ela se constitui de significado, pois “é marca, expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (BERQUE, 1998:84-85).

Desde os tempos mais remotos, nas mais diversas culturas, a natureza: céu, terra, ar, e água, exerce um fascínio, um mistério, uma ligação com o divino, com o sagrado. Alguns autores classificam esses elementos como “geo-símbolos”.

Elíade em sua obra “Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso”, afirma que: “Todo o microcosmo, toda a região habitada, tem o que poderíamos chamar um ‘Centro’, ou seja, um lugar sagrado por excelência” (ELÍADE, 1991:35-36). Palco de manifestação do sagrado, de rituais, o conjunto desses espaços, segundo o autor, é classificado como geografia sagrada, mítica.

Tuan, por sua vez, afirma que “A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquirem caráter sagrado onde quer que seja identificado com alguma forma de manifestação divina ou com um acontecimento de significado extraordinário” (TUAN, 1980:166).

“Nos cultos religiosos são empregados objetos como se fossem possuidores de

força para um efeito segundo uma intenção. Assim têm servido de sacramentais: a água, as imagens, os rosários, as vestimentas, a luz, o fogo, o vegetal, os frutos, as pedras, o óleo etc.”. (SILVA, 1975: 27-28)

Eixos, Centros do mundo, as pedras, os rios, as fontes, as matas são lugares de intenso significado cultural, são símbolos que se secularizaram no tempo, e integram a formação do ser humano. Para entender a sua importância, é necessário vivenciar os espaços nos quais esses elementos estão inseridos.

Canais de energia, os objetos sacramentais estabelecem laços entre mundos: o do metafísico e invisível e o do físico e visível. As pedras são um desses elementos sacros e para elas os homens, de diversas culturas, rendem cultos e adorações. Elas constituem moradas dos deuses, recônditos do sobrenatural. Sejam pequenas ou grandes, localizadas em lugares visíveis ou ocultos, são encobertas por vasta vegetação, ou submersa em águas cristalinas é possível encontrá-las em todos os recantos do planeta terra.

Localizada na Avenida Assis Valente, principal logradouro que interliga Cajazeiras X, Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Boca da Mata e a Estrada Velha do Aeroporto, a Pedra de Xangô é considerada lugar sagrado (Figura 1), abrigo de ambiências significativas da cidade, tanto pelo valor simbólico, quanto pelo histórico, cultural, paisagístico, ambiental e arqueológico.



Figura 1 – Visita do Alaafin Oyó a Pedra de Xangô (Foto de Juscelino Pacheco, 2014).

O entorno da Pedra de Xangô e toda a extensão da Avenida Assis Valente possuem singularidades próprias. A paisagem local foi marcada pela presença decisiva da população negra que a ela se incorporou, tornando-a uma área de preservação étnico-cultural das comunidades religiosas afro-brasileiras da cidade de Salvador.

2 | METODOLOGIA

Dando prosseguimento ao processo histórico de resgate e preservação da memória dos povos tradicionais, a exemplo de antigos quilombos, aldeamentos indígenas e comunidades de Terreiros, a disciplina “Paisagismo” do curso noturno de arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, em 2015, juntamente com o Projeto de Pesquisa “Pedra de Xangô: lugar sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador” absorveu as propostas e demandas do Povo de Terreiro. Assim, foram colhidos subsídios e alinhadas estratégias didático-pedagógicas que favoreceram a concepção da proposta de intervenção paisagística da Pedra e seu entorno. Diversos profissionais, de forma interdisciplinar, colaboraram com a disciplina acadêmica, contribuindo para a ampliação da compreensão e conhecimento dos estudantes sobre a percepção do espaço em tela. Baseados nos relatos, vivências, experiências e “Saberes e Fazeres” das comunidades foram sugeridas diversas intervenções urbanísticas, dentre elas, a implantação de uma praça ao redor do monumento natural e religioso.

Por entender sua relevância e contemporaneidade, buscou-se aprofundar estudos com a finalidade de instituir um projeto paisagístico que propiciasse conforto ambiental (visual, térmico e lumínico), além de contribuir para a garantia do exercício dos rituais das religiões afro-brasileiras. Em decorrência desta proposta, outras frentes de trabalho surgiram e se encontram em andamento, em diversas esferas, como o georreferenciamento e a cartografia dos lugares sagrados, circunscritos à Pedra da Xangô.

Todo o conteúdo pesquisado foi analisado e selecionado, sendo reescrito com linguagem clara e acessível a diferentes públicos, sobretudo aqueles pertencentes às comunidades circunvizinhas à Pedra Sagrada. Buscou-se compreender os principais problemas socioculturais existentes na área de intervenção e arredores.

A criação da APA Municipal Vale do Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô (Lei Municipal nº 9.069/2016 - PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano), através de emenda proposta pelas comunidades de Cajazeiras e adjacências, tiveram como finalidade contribuir com a melhoria das condições socioambientais e, sobretudo, garantir as manifestações culturais indígenas e afro-brasileiras na localidade (SILVA, 2017).

2.1 Diagnóstico Socioambiental Preliminar

- Levantamento de estudos, pesquisas bibliográficas e coleta de dados técnicos e informações disponíveis (por meio eletrônico, internet ou em acervos), junto aos seguintes órgãos: Prefeitura Municipal de Salvador (Secretaria Cidade Sustentável – SECIS, Secretaria Municipal do Urbanismo – SUCOM, Secretaria Municipal da Reparação – SEMUR, Conselho Municipal das Comunidades Negras – CMCN, Fundação Mário Leal Ferreira – FMLF e Fundação Gregório de Mattos – FGM); Governo do Estado: Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano – SEDUR

e Companhia de Desenvolvimento Urbano – CONDER; Secretaria de Cultura – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, Fundação Pedro Calmon – FPC e Centro de Cultura Populares e Identitárias – CCPI, Instituto do Meio Ambiente e Recursos Naturais – INEMA, Companhia Baiana de Pesquisa Mineral – CBPM, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPROMI, Centro de Referência de Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa Nelson Mandela e Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado – CDCN; União, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio – INEP/MEC e Banco de Dados do Sistema Único de Saúde – DATASUS); Projeto de Pesquisa “Pedra de Xangô – Caminhos e Descaminhos do Sagrado Afro-Brasileiro, ligado ao Grupo EtniCidades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA;

- Entrevistas e reuniões com representantes da Sociedade Civil: Associação dos Moradores da Fazenda Grande I – Quadras E e F – MUDE Salvador – CAJAVERDE, Associação Pássaros das Águas, Associação Beneficente Social, Cultural e Religiosa Deusa Vó Nan, Casa dos Olhos do Tempo Que Fala da Nação Angolan Paquetan, Associação Pedra do Ramalho, Associação Religiosa de Cooperação Entre Terreiros – ARDECENTE, Irmandade Beneficente de Ojés, Ogans e Tatas – SIOBÁ, Ilê Axé Odé Toke Ji Lodem – Ilê Axé Babá Ulufan Alá – Coletivo de Entidades Negras – CEN, Organização Religiosa e Cultural Ilê AséTumbi Ode Oji – ORCIATOO, Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia – AFA, Núcleo de Religiões de Matriz Africana da PM/BA – NAFRO, Rede de Religiões de Matriz Africana do Subúrbio – RREMAS, Associação das Baianas de Acarajé, Mingau e Receptivo do Estado da Bahia – ABAM;
- Vistorias de campo que contaram com a participação do “Povo de Santo” e objetivaram: a) o reconhecimento do vale e bacia de drenagem do Ribeirão Itapuã por todos os membros da equipe técnica; b) o levantamento de coordenadas geográficas dos limites e de 12 (doze) pontos básicos para a definição do Parque em Rede Pedra de Xangô; c) a aplicação de roteiros de observação específicos para cada sistema estudado de forma a obter informações das características físicas, biológicas e socioeconômicas; d) entrevistas com moradores, lideranças e representantes dos cultos de Matriz Africana presentes na área;
- Desenvolvimento de estudos utilizando-se os métodos da observação direta e observação participante nas manifestações culturais realizadas no entorno da Pedra de Xangô (em andamento);
- Aplicação da metodologia do projeto paisagístico definida em várias etapas, através de um roteiro investigativo sobre os meios físicos, bióticos e antrópicos, sociais, históricos e culturais, buscando determinar uma fotografia real do espaço em estudo;

Diversas atividades foram realizadas no intuito de propiciar maior sensibilização e conscientização sócio-ambiental da Pedra de Xangô e o seu entorno. Dentre elas:

- Seminário “Pedra de Xangô – Território Sagrado”, iniciativa da Fundação Gregório de Matos. Contou com a participação de acadêmicos e o apoio de inúmeras associações religiosas e culturais do Estado da Bahia. O objetivo do evento foi investigar a importância da Pedra de Xangô enquanto elemento cultural, aglutinador da teia de terreiros de Cajazeiras e adjacências, entendendo a pedra como lugar sagrado;

- Aula pública “Pedra de Xangô – Nzazi – Sobô – território sagrado”, primeira ação do projeto História e Memória da População Afro-descendente, idealizado pelo Centro de Memória da Bahia, unidade da Fundação Pedro Calmon. A atividade contou com a participação de professores e alunos dos colégios estaduais Edvaldo Brandão Correia e Professor Nelson Barros, bem como das Yalorixás Iara D’Oxum e Mãe Branca de Xangô. Teve o apoio da SEPROMI, da EMBASA e do Sindiquímica;
- Palestra “Cidade + Verdes + Sustentáveis + Humanas” proferida pelo paisagista paulista Benedito Abudd na Faculdade de Arquitetura da UFBA – FAUFBA. Na ocasião apresentou-se um breve relato sobre a Pedra de Xangô tendo o ilustre palestrante sugerido que fosse encaminhado pedido de salvaguarda do monumento à instituição internacional que cuida do Paisagismo Cultural, Comitê IFLA–LALI; Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas, Iniciativa da Carta Latino Americana da Paisagem;
- Seminário “Salvador e suas cores: Espaço urbano e segregação étnico-racial”, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA – FAUBA. O objetivo do evento consistiu em criar um campo de discussão na esfera disciplinar da Arquitetura e Urbanismo sobre as questões relativas à segregação étnico-racial na cidade do Salvador. O projeto abordou a problemática atual de elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PPDU), os projetos municipais de mobilidade urbana e do Governo do Estado, bem como o processo de degradação dos espaços públicos e áreas verdes da cidade, o que vem, paulatinamente, provocando impactos nas comunidades e territórios afro-brasileiros da cidade;
- Visita dos alunos integrantes do Grupo de Pesquisa EtniCidades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA – FAUBA ao Terreiro Mutalombo Yê Kaiongo. A visita teve a finalidade de dar conhecimento aos alunos das plantas e folhas sagradas utilizadas pelos adeptos do Candomblé, como também, sensibilizá-los para promover, futuramente, a arborização e reflorestamento da Pedra de Xangô e de toda extensão da Avenida Assis Valente.

E, por fim, produção de artigo científico subscrito por profissionais das mais diversas áreas do saber propondo a criação da APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô. Esse artigo foi encaminhado à Câmara de Vereadores de Salvador, incorporado ao relatório final do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município do Salvador (PDDU, 2016).

3 | DISCUSSÕES

Feita esta trajetória constatou-se que o entorno da Pedra de Xangô e toda extensão da Avenida Assis Valente apresentam-se constituídas por:

[...] Remanescentes de vegetação nativa em fitofisionomias que abrangem desde formações abertas, no fundo do vale, até formações mais densas, como matas de galeria (ciliares), bosques e florestas urbanas. Também são encontrados exemplares de vegetação antrópica. Ecologicamente, mesmo na sua configuração atual, desempenha um papel fundamental para o equilíbrio natural. Sua posição geográfica e seu caráter florístico, faunístico e geomorfológico, conectados por meio da rede hidrográfica, estabelecem vias de ligações, constituindo corredores naturais que proporcionam o fluxo migratório da fauna diversificada (SILVA et al.,

2016).

Foram identificadas inúmeras folhas e plantas sagradas utilizadas nos rituais das religiões afro-brasileiras. Isso possibilitou a realização de um pré-zoneamento ecológico-econômico, com a consequente reserva de espaço para implantação de um viveiro de espécies etnobotânicas, a se caracterizar, no futuro, como um posto avançado do Jardim Botânico de Salvador.

Realizou-se estudo preliminar de cartografia, georreferenciando 12 (doze) lugares sagrados (fontes, nascentes, pedras árvores, encruzilhadas etc.) circunscritos à Pedra de Xangô e às cercanias da Av. Assis Valente (Figura 2) imprescindíveis ao exercício dos atos litúrgicos (SILVA, 2017: 217) concebendo, assim o Parque em Rede Pedra de Xangô.

O Parque em Rede Pedra de Xangô não é um parque de superfície contínua, com um perímetro bem definido e claro. É uma teia que se flexibiliza no sítio e nas ocupações pré-existentes, garantindo a sobrevivência e continuidade de uma gama de espaços sagrados: pedras, árvores, riachos, nascentes, matas. Estes elementos naturais constituíam um todo, mas em virtude das intervenções de infraestrutura urbana de mobilidade e das ocupações tiveram seus elos desconectados. Tornaram-se ilhas, arquipélagos de lugares sagrados espalhados que precisam ser reconectados, mas não como um território contínuo, mas em rede. (SILVA, 2017:225-226).

O Parque em Rede é um conceito sócio antropológico definido como: a sucessão de atividades relevantes necessárias para a promoção do rito cultural-litúrgico, no caso em tela, estamos nos referindo às oferendas a Xangô, o Orixá da Justiça. Uma série de procedimentos e uma sucessão de atividades e relações se estabelecem que vão, desde a coleta e extração de ervas e folhas sagradas e demais componentes que se encontram naturalmente presentes e espalhadas pelo vale e grotões do Ribeirão Itapuã, até a feitura da iguaria para Xangô que se desenvolvem nas comunidades de terreiros.

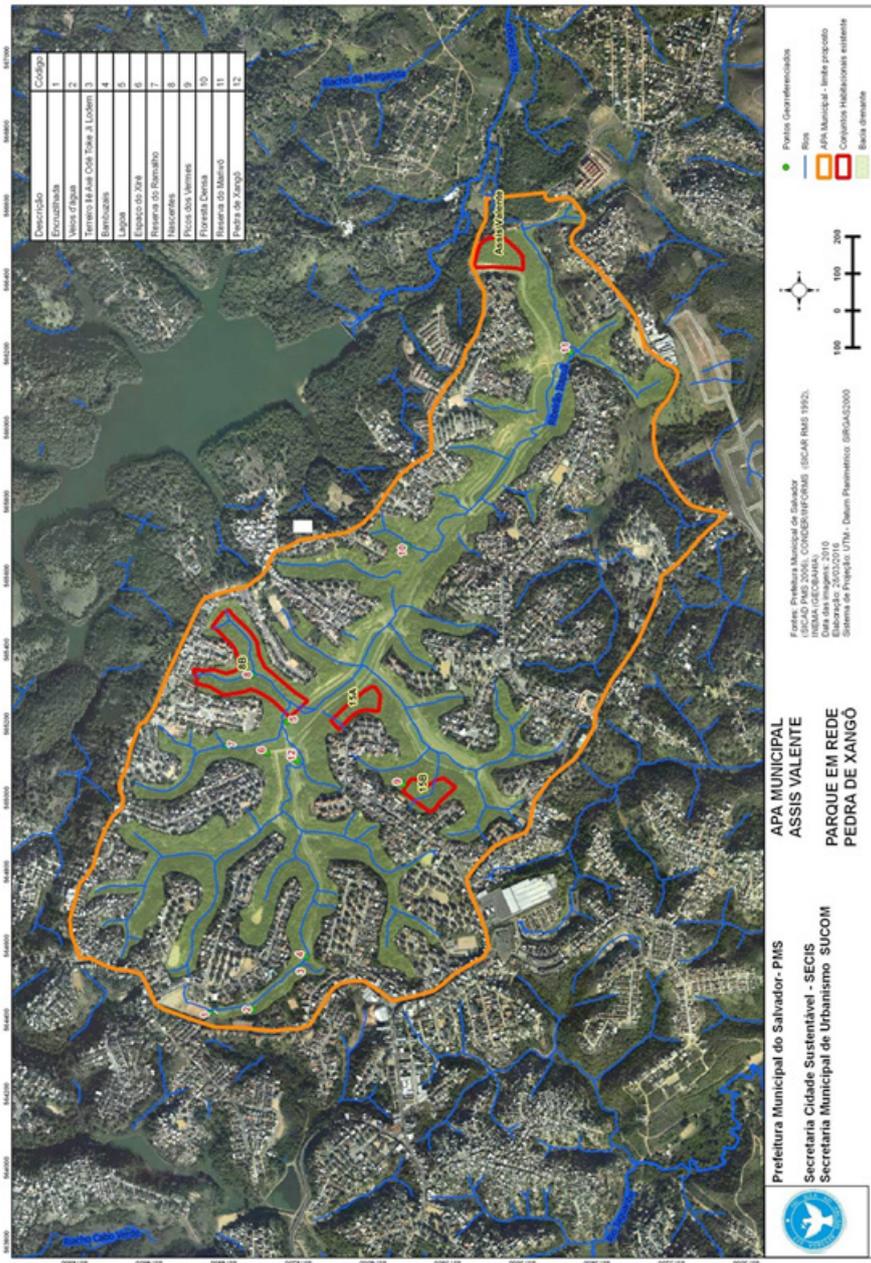


Figura – APA Municipal Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô, 2017.

Toda a bacia de drenagem do Ribeirão Itapuã é um espaço hoje protegido como APA municipal, Parque em Rede, que por sua vez, contém o monumento rochoso tombado como bem cultural e reconhecido como Geossítio de relevância nacional.

A visão sistêmica que aborda o processo produtivo consiste: o produto a ser ofertado ao orixá chama-se Amalá, um campo de força, traduzido ou veiculado através de quiabos cortados, cebolas raladas, pó de camarão, sal azeite de dendê, preparados nos Terreiros. Os iniciados e sacerdotes que mais frequentam a Pedra de Xangô para oferecer a comida predileta do orixá são integrantes dos candomblés das cercanias e da região. No entanto, várias oferendas são provenientes de diversos bairros e municípios vizinhos.

Uma temática a ser abordada são alguns aspectos sobre a macroeconomia gerada pelas atividades socioambientais na área e que se intensificarão quando o

Parque estiver totalmente implantado. Tais aspectos são extremamente importantes para minimizar a vulnerabilização social das comunidades locais, ampliando a sensação de pertencimento e bem-estar. Para o município de Salvador haverá maior geração de receitas na medida em que o comércio, serviços e produção de bens associados ao culto se instalem legalmente na área, conforme o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) o Plano de Manejo a serem aprovados pelo Conselho Gestor da APA.

Encontra-se em pauta a licitação para estudos socioambientais complementares e de dinâmica econômica da região visando minimizar preocupações quanto ao desequilíbrio da flora e da fauna e ainda outras questões ambientais desconhecidas, ou ainda não discutidas.

De todo modo, percebe-se que há uma clara evidência de escassez de vegetais utilizados nos cultos, com as características desejadas. É por esse motivo que o Parque em Rede Pedra de Xangô deverá também ser um setor avançado do Jardim Botânico de Salvador, com a especificidade da Etnobotânica.

A retirada de folhas sagradas e plantas medicinais e vegetais ou fármacos das matas para sua utilização nas “obrigações” deverá manter os necessários cuidados com a sua preservação, conservação e capacidade de suporte. Assim, espera-se, em médio prazo, que haja a ampliação da oferta dessa riquíssima flora, acarretando também em positivas consequências econômicas e socioculturais, bem como a todos os integrantes e participantes dessa importante Rede, similar a uma “cadeia produtiva”. Trata-se de um compromisso contributivo para a permanência de insumos necessários para a manutenção desse importante patrimônio material e imaterial.

Atualmente, o grande embate social se traduz no conflito de interesses existentes entre a necessidade de moradia acirrada com ocupações provocadas em áreas sagradas. É preciso planejar, urgentemente, o uso e a ocupação do solo urbano, preservando e conservando o máximo possível os elementos da natureza presentes em todo o vale (nascentes, cursos d’água, biodiversidade ainda existentes).

Se não priorizado o planejamento sócio-ambiental da área, em breve grande parte da Avenida Assis Valente estará ocupada, não somente por moradia, mas, sobretudo, por comércio clandestino e instituições religiosas contrárias as práticas religiosas de matriz afro-brasileiras. Esse é o nosso grande desafio (Figura 3).



Figura – Vista da Pedra de Xangô (Acervo Maria Alice Pereira da Silva, 2017).

4 | DESDOBRAMENTOS

Patrimônio Cultural Da Cidade De Salvador

A memória é um patrimônio das comunidades, e nestas, o maior patrimônio são as pessoas, homens e mulheres marcados por estigmas e preconceitos que desde cedo marcaram aqueles que trazem no corpo características que a partir do século XIX lhes permitiram ser identificados como incapazes, conduzindo-os a vários tipos de imobilidade, dentre elas a econômica e social (SOUSA JR., 2011:24).

A memória é um patrimônio das comunidades, e nestas, o maior patrimônio são as pessoas, homens e mulheres marcados por estigmas e preconceitos que desde cedo marcaram aqueles que trazem no corpo características que a partir do século XIX lhes permitiram ser identificados como incapazes, conduzindo-os a vários tipos de imobilidade, dentre elas a econômica e social (SOUSA JR., 2011:24).

Os Terreiros, quilombos e demais Espaços Étnico-Sagrados são lugares de resistência, de memória, de diálogos sobre diversos processos de luta por dignidade, igualdade, liberdade e melhores condições de vida.

Nesses espaços, vivenciamos as transmissões de valores, saberes e fazeres ancestrais oriundos das religiões de matriz afro-brasileiras. Nas práticas e dinâmicas são estabelecidos fortes vínculos interpessoais entre os integrantes das comunidades, sobretudo na construção de relações coletivas, ampliando as noções de fé, pertencimento, autoestima e afetividade.

A Pedra de Xangô outrora morada de índios tupinambás e negros quilombolas, é hoje espaço consagrado aos orixás, voduns, inquices, caboclos e encantados.

Palco de resistência, de ações etnográficas, terapêuticas e ritualísticas, a Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, “Pedra de Xangô” e o seu entorno, considerada área de Remanescente de Antigo Quilombo foram reconhecidas pela Fundação Gregório de Mattos como patrimônio cultural da cidade de Salvador.

Patrimônio Geológico

A geodiversidade é constituída de elementos abióticos da natureza expressos na forma de relevo, minerais, rochas, solos e fósseis, sendo os mesmos, o resultado dos processos da dinâmica interna e externa do planeta (Pereira, 2010). O Serviço Geológico do Brasil – CPRM define geodiversidade como o meio físico constituído pela diversidade de ambientes geológicos, fenômenos e processos que dão origem aos minerais, rochas, solos, fósseis e águas, modelando a paisagem e propiciando a vida na Terra. A geodiversidade tem como valores intrínsecos a cultura, o estético, o econômico, o científico, o educativo e o turístico.

Um geossítio constitui-se, *in situ*, na ocorrência de elementos da geodiversidade, sendo delimitado geograficamente e dotado de valor singular do ponto de vista científico (BRILHA, 2016).

O Patrimônio Geológico constitui-se no conjunto de geossítios, dotados de valores superlativos, inventariados e caracterizados em uma determinada região (BRILHA, 2016). Conforme Nieto (2002), o patrimônio geológico representa todos os recursos naturais, não renováveis, incluindo formações rochosas, estruturas e pacotes sedimentares, formas de relevo e paisagens, jazidas minerais e/ou fossilíferos e coleções de objetos geológicos, que possuam algum valor científico, cultural ou recreativo.

A identificação de um geossítio deve passar pelo reconhecimento da presença dos seguintes critérios: representatividade, integridade, raridade e conhecimento científico. Considerando que um geossítio justifica-se pelo seu valor científico, a sua relevância somente pode ser nacional ou internacional, uma vez que não existe “ciência local” (BRILHA, 2005).

O Geossítio Pedra de Xangô também conhecida “Pedra do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu” é um sítio geológico de importância cultural, onde são realizados diversos ritos litúrgicos oriundos das religiões de matriz afro-brasileiras, principalmente a festa do Orixá Xangô. Deste modo, representa um lugar sagrado para as comunidades tradicionais de terreiros de Candomblé.

No local aflora uma rocha gnáissica, na forma de um lajedo com dois blocos residuais. Nas paredes laterais destes blocos ocorrem caneluras de dissolução, e, na superfície do lajedo, observa-se uma fratura que, supostamente, condicionou a separação dos blocos. Este conjunto de feições evidenciam processos de intemperismo físico-químico, que resultaram na formação dos blocos residuais. A litologia destes blocos é representativa dos litotipos do Cinturão Salvador-Esplanada-Boquim (CSEB) (OLIVEIRA, 2014; SOUZA, 2013), representando um afloramento rochoso, inserido em um relevo dissecado em colinas de topos convexos, apresentando morfologia característica de “mar de morros”, com espesso manto de cobertura (regolito > 25 m).

O local parece ser o único afloramento na sua área de ocorrência, e, para além

da sua relevância cultural, representa um afloramento rochoso que permite acesso ao material parental do “mar de morros” do miolo de Salvador. Portanto, o local tem potencial didático para ilustrar os processos de evolução tectônica da cidade, como também, os processos morfodinâmicos que alteram a paisagem ao longo do tempo.

Apesar de ter sido tombado por decreto municipal, o geossítio é alvo constante de depredação, decorrente da intolerância religiosa, evidenciando a necessidade de ações que fortaleçam a sua conservação e proteção. Diante do exposto, foi realizado um trabalho, que teve como objetivo estabelecer uma estratégia de geoconservação da Pedra de Xangô, sendo realizada as seguintes etapas: revisão bibliográfica, levantamento de campo, preenchimento de ficha de inventário, registro fotográfico do local e inserção dos dados no GEOSSIT, um aplicativo desenvolvido pelo Serviço Geológico do Brasil, CPRM. Os resultados apontaram que o sítio é dotado de valor científico, com potencial uso educativo e turístico, apresentando risco médio de degradação e urgência de proteção didática/turística em curto prazo e científica em médio prazo. Finalmente elaborou-se um painel interpretativo, como forma de fortalecer o seu papel didático, a identidade cultural e o sentimento de pertencimento das comunidades locais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Candomblé é uma religião ecológica “recriada a todo instante em cada broto que renasce ou arrebenta das sementes” (SOUSA JÚNIOR, 2011:39). Os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira possuem uma relação direta com a natureza, pois sem folhas não há orixás, voduns e inquices.

Na atualidade, 65% (sessenta e cinco por cento) das comunidades terreiros de Salvador não possuem espaço de matas e, por isso, são obrigadas a recorrerem aos espaços públicos, a exemplo dos parques, para a realização dos seus rituais.

A Pedra de Xangô é, ainda, um dos poucos espaços vivenciados pelo povo de axé: no cotidiano, nas festas dos seus calendários litúrgicos, e nas festas públicas coletivas, daí, a luta incessante pela preservação e proteção do monumento sagrado.

Na luta pela preservação da Pedra de Xangô muitos foram os embates e também as conquistas, tais como: criação de duas Unidades de Conservação (APA Municipal Vale do Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô – PDDU – 2016); tombamento da Pedra de Xangô como patrimônio cultural pela Fundação Gregório de Mattos em 2017; reconhecimento como Geossítio de relevância nacional pelo Serviço Geológico do Brasil – CPRM em 2018.

Xangô, Nzazi ou Sogbô é um herói mítico e dinástico. Divindade da justiça, dos raios, dos trovões, do fogo, da pedreira. Símbolo da realeza, do poder, da resistência, da perseverança. “Ka wô ka biyè silé” é a sua saudação e significa olhem o sábio descer sobre a terra.

Xangô é a chama sagrada que brota do seio da Mãe Terra em forma de lavas,

em forma de pedras. Ele é a pedra que detém os registros do planeta, de cada ato da Criação, as marcas e memórias de vidas passadas, ele é a pedra que guarda encantos, encontros entre o ser e o sentir.

REFERÊNCIAS

- BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz**: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: UERJ, 2002.
- BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). **Lei nº 9985 de 2000**. Regulamenta o Sistema Nacional de Unidades de Conservação e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- BRILHA, Jose Bernardo Rodrigues. **Património geológico, geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Braga, Portugal: Palimage, 2005. 190p.
- BRILHA, Jose Bernardo Rodrigues. **Inventory and Quantitative Assessment of Geosites and Geodiversity Sites: a review**. *Geoheritage*, v.8, n.2, p.119-134, jun. 2016.
- ELÍADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico e religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- PEREIRA, Paulo Jorge da Silva. **Património geomorfológico: conceptualização, avaliação e divulgação**. Aplicação ao Parque Natural de Montesinho. Minho (Portugal), 395p. Tese (Doutorado em Geologia) – Escola de Ciências, Universidade do Minho, 2006.
- MAGARÃO JÚNIOR, Sérgio. **GEOSSIT – Cadastro de Sítios Geológicos. Pedra de Xangô**. Disponível em: <https://www.cprm.gov.br/geossit/geossitios/ver/1304>. Acesso em: 20 maio 2018.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA – NÚCLEO MATA ATLÂNTICA. **A Mata Atlântica na Bahia**. Disponível em: <http://mpnuma.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=75>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- NIETO, Luis Miguel. 2002. **Patrimonio Geológico, Cultura y Turismo. Boletín del Instituto de Estudios Giennenses**, 2002(182):109-122.
- OLIVEIRA, Ernande Melo de. **Petrografia, litogeoquímica e geocronologia das rochas granulíticas da parte norte do Cinturão Salvador-Esplanada-Boquim, Bahia-Sergipe. Salvador, Bahia**. 218 p. Tese (Doutorado em Geologia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- SALVADOR. Lei nº 9609, de 01 de jul. de 2016. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador – PDDU 2016 e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**. Poder Legislativo, Salvador, BA. Disponível em: <<http://www.sucom.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/LEI-n.-9.069-PDDU-2016.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2017.
- SALVADOR. Decreto nº 28.434, de 05 de maio de 2017. Ano XXX – 6835, publicado 06 a 09 de maio de 2017, p.2. Aprova os Tombamentos do Movimento Afro Religioso, conhecido por Pedra Sagrada do Antigo Quilombo do Buraco do Tatu, “Pedra de Xangô”, e também da área considerada de Remanescente de Antigo Quilombo, bens culturais situados na Fazenda Grande II e Cajazeiras. **Diário Oficial do Município**. Poder Legislativo, Salvador, Bahia.

SANTOS, Jocélio Teles. (Coordenador); **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Jocélio Teles dos Santos. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008.

SILVA, Edson N. **Estrutura do Pensamento Afro-Brasileiro**. Salvador: Ed. EDUFBA, 1975.

SILVA, Maria Alice Pereira da; SILVA, Vilma Patricia Santana. Aula Pública – **Pedra de Xangô – Nzazi – Sogbo**: conhecer – sentir – preservar – respeitar.

Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/cmb.fpc/videos/904837819536117/>. Acesso 20/05/2015.

SILVA, Maria Alice Pereira da et al. **APA Municipal Assis Valente e Parque em Rede Pedra de Xangô**. Trabalho apresentado à Câmara de Vereadores de Salvador como proposta de Emenda aditiva e modificativa ao artigo 135, inciso XVII do Projeto de Lei nº 396/2015 do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU – 2016. Sugerido a criação na área em estudo da APA Municipal Vale da Avenida Assis Valente e do Parque em Rede Pedra de Xangô.

SILVA, Maria Alice Pereira da; SARAIVA PEIXOTO, José Augusto; CASTRO, Cássio Marcelo de. **Paisagismo religioso**: Parque em rede Pedra de Xangô in Anais [do] XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura – ENEPEA: Paisagismo necessário – verde social, Ba 23 a 27 de agosto de 2016 – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Márcia Rebouças Freire, Lucy Rocha Kalil (orgs) – Salvador: FAUBA, 2016.

SILVA, Maria Alice Pereira da. **Pedra de Xangô: um lugar do sagrado afro-brasileiro na cidade de Salvador**. 2017. 405 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24875>>. Acesso em: 20 maio 2018.

SOUSA JUNIOR, Vilson C. **Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas**. Ilustrações de Rodrigo Siqueira. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUZA, Jailma. Santos de. **Geologia, metamorfismo e geocronologia de litotipos de Salvador**, Bahia. 124 f. Tese (Doutorado em Geologia), Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **TOPOFILIA: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

SOBRE A ORGANIZADORA

JEANINE MAFRA MIGLIORINI Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educadora há dez anos, iniciou na docência nos ensinos fundamental e médio na disciplina de Arte. Atualmente é professora da Unicesumar. Arquiteta e urbanista, desenvolve projetos arquitetônicos. Escolheu a Arquitetura Modernista de Ponta Grossa – PR como objeto de estudo, desde sua graduação. Produzindo pesquisa e material didático para o ensino de arte com essa temática.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-37-6



9 788585 107376